



Entrevista com “Marialva Carlos Barbosa”:

SEMPRE GOSTEI DE ESTUDAR

Luiza Cristina Lusvarghi ¹

Ela é Professora Titular de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora titular de jornalismo (aposentada) da Universidade Federal Fluminense (UFF), aonde lecionou de 1979 a 2010. Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense (1976), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1992) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1996). Foi Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), de 2010 a 2012. Possui pós-doutorado em Comunicação (1999) pelo LAIOS-CNRS, Paris - França.

Foi Diretora Científica da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2009-2011), Vice-Presidente (2011-2014), e atualmente preside a entidade. Seu livro *História Cultural da Imprensa - Brasil 1900-2000* ganhou a Medalha Carlos Eduardo Lins e Silva, outorgada pela Intercom às mais

¹ Doutora em Ciências da Comunicação e Pós-doutoranda, ambas na ECA-USP. E-mail: lumecom@uol.com.br

representativas publicações lançadas em 2007. Ganhou o prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, categoria Maturidade Acadêmica, em 2008, pelo conjunto da obra. Publicou ainda *História da Comunicação no Brasil* (Vozes, 2013) e *História Cultural da Imprensa - 1800-1900* (MAUADX, 2010). Possui extenso currículo como organizadora de obras, e publicou artigos e capítulos de livros no Brasil e no Exterior. No momento ela se dedica a pesquisar os jornais manuscritos brasileiros do século XIX pra realizar um estudo sobre as práticas de comunicação dos escravos.

Considerada uma das principais pesquisadoras em Ciências da Comunicação no Brasil, Marialva Carlos Barbosa conversa com Luiza Cristina Lusvarghi sobre o impacto da tecnologia, a pesquisa, o papel da Intercom e a carreira acadêmica.

REVISTA ALTERJOR: Como você vê a questão da distribuição de conteúdos científicos na era da convergência?

MARIALVA CARLOS BARBOSA: Se por um lado as novas tecnologias contribuem para fazer circular a informação de maneira mais fluida, de outro fica tudo meio achatado, e tem muita coisa ruim ganhando espaço. Ou seja, você tem mais acesso a revistas científicas, mas a falta de conhecimento sobre esse material online, publicado sem critérios de seleção, citando autores ruins, acaba deixando tudo nivelado por baixo. Temos assim dois movimentos, a proliferação de livros e publicações, e a impossibilidade de hierarquizar essa informação. O filtro necessário para fazer isso é o conhecimento, a educação. Neste momento, por exemplo, me dedico a pesquisar as praticas comunicacionais dos escravos no século 19, tento entender quais são as fontes que existiam, de que forma essas práticas passavam pelo filtro da educação.

REVISTA ALTERJOR: Qual o impacto destas novas tecnologias sobre a educação? Refiro-me especificamente às redes sociais, às listas de discussão, e até ao Skype?

MARIALVA CARLOS BARBOSA: As propostas educacionais contemporâneas precisam ser mudadas, precisamos mudar a pratica de ensino presencial, os alunos de hoje são multitarefas, não conseguem ficar parados escutando mais do que 40 minutos,

e você tem que usar um novo formato de aula, que não pode ser meramente expositiva. Capturar esse sujeito que está imerso nessa nova forma de apreensão é o desafio atual, além da questão dos conteúdos. Perceber o gesto desse aluno na sala de aula, como ele funciona, a cara de mau humor, como ele se apodera do conhecimento, a troca de afetos e afagos. Ao se expressar em sala de aula, você passa formas de encarar o mundo.

REVISTA ALTERJOR: Como o ambiente digital contribui para a atual situação da pesquisa no país?

MARIALVA CARLOS BARBOSA: O ambiente digital tem um impacto enorme no universo do pesquisador. No atual estágio da minha pesquisa, eu teria de estar agora com o *Correio Paulistano* na mão e para isso eu teria de ir à Biblioteca Nacional. Essa tarefa demandaria um tempo incomensurável. Estou falando da pesquisa histórica, que eu posso realizar virtualmente, mas isso depende também da experiência de cada um como pesquisador desse tipo de documento. É um facilitador, mas nada substitui a experiência. Por exemplo, o *Ciência sem Fronteiras* é um programa destinado em mais de 60% aos jovens. Um aluno meu foi pra Coreia do Sul, e essa experiência é insubstituível para esse aluno. O que importa é o que ele compartilhou, num ambiente completamente presencial. Até mesmo sair para beber, tomar cerveja com os amigos, naquele período, faz parte da formação desse jovem. Mesmo para um pesquisador sênior, esse conceito também é perfeito, e certamente vai possibilitar a ele um compartilhamento com outras culturas. Para pesquisar documentos, por outro lado, você pode acessar o material online.

5

REVISTA ALTERJOR: Você hoje está à frente de uma entidade plural que reúne pesquisadores de entidades privadas e públicas. Quais as estratégias pensadas pela Intercom para apoiar pesquisas em comunicação e, assim, conseguir um maior estabilidade para os Núcleos e Grupos de Pesquisa? Porque em geral as universidades particulares, por exemplo, não dão esse apoio.

MARIALVA CARLOS BARBOSA: A Intercom vai completar 38 anos em dezembro, e o que a entidade pode fazer é criar ações e projetos de internacionalização para este pesquisador que muitas vezes não tem esse apoio. Neste ano, estamos pensando em

realizar algumas ações específicas neste sentido. A ideia é fomentar essas redes de pesquisadores de Comunicação durante o Congresso Nacional. A internacionalização dos pesquisadores vai se realizar através do desenvolvimento do CIPI – Centro internacional de Pesquisa Intercom – que vai garantir ao sócio a chance de ter esse acesso. Outra iniciativa interessante neste sentido é a parceria com editoras, e pretendemos trabalhar com a rede de editoras universitárias que faz os livros da Estácio, dentre outras. Além disso, pretendemos propor a produção de livros didáticos que poderiam ser encomendados a alguns sócios, de acordo com a sua formação específica. Estão previstas uma série de reuniões com a Frente Parlamentar de Comunicação em Brasília, para discutir aspectos importantes da Educação. Existe ainda a proposta de programar um convênio com os reitores do Brasil inteiro para a criação de uma bolsa-sanduíche, fomentada pelas universidades estaduais da América Latina. E temos uma novidade: o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi o primeiro congresso do Brasil aprovado pela lei Rouanet.

REVISTA ALTERJOR: Em decorrência da ênfase da pesquisa em Pós-Graduação, quais as propostas da Intercom para estimular a pesquisa em graduação? Muitos alunos se queixam de que o professor não se interessa pela Iniciação Científica, por exemplo.

6

MARIALVA CARLOS BARBOSA: Inserir o aluno de graduação no universo da pesquisa científica é fundamental. Na realização do Intercom Sudeste deste ano, dos 2.244 inscritos, em Uberlândia, 1902 eram alunos da graduação. No Intercom Nordeste, realizado em Natal, de 3.163 inscritos, 2.784 alunos pertenciam à graduação. Os congressos regionais foram idealizados pensando no aluno da graduação. Eu era da graduação quando participei do primeiro intercom, que foi o sexto congresso. Muitos diretores da atual gestão, como a Iluska Coutinho, eram da graduação quando começaram a frequentar a Intercom. Trata-se de uma instituição que fomenta a pesquisa da graduação, não é só o trabalho da jornada experimental, mas ela incentiva a produção do primeiro trabalho científico. No Intercom Jr, o aluno aprende a formatar e apresentar um trabalho, educação continuada é isso. Até Revista de Iniciação Científica nos temos agora. E funciona assim, o aluno manda o texto, e a gente revisa, explica, e a gente lê de

novo. Pedimos correções. O diálogo dele com o avaliador faz parte do ensino. Está saindo o primeiro número da *Iniciacom*. Sentimos uma felicidade enorme.

REVISTA ALTERJOR: Finalmente, uma pergunta de cunho mais pessoal. O que a motivou a abraçar a carreira acadêmica, e se dedicar à pesquisa, de fato? Foi uma decisão que foi amadurecendo, ou pura paixão?

MARIALVA CARLOS BARBOSA: Sempre gostei de estudar, fiz jornalismo na UFF, fui trabalhar no mercado, morava em Ipanema Um dia, era domingo de sol, um amigo meu falou “*olha está tendo concurso, não quer prestar?*” O Muniz (Sodré) saiu em 78, e o Rosenthal (Calmon Alves) saiu porque foi trabalhar em Buenos Aires. Eu era professora em regime parcial, de 20 horas, na UFF. Em 1979, eu percebi que gostava de estudar. Naquela época existiam quatro mestrados em Comunicação no país: UFF, USP, Metodista e PUC SP. Fiz mestrado e doutorado em História. Não acredito em carreira acadêmica, isso decorre de algo que você gosta de fazer. E o caminho natural é pesquisar, e me especializei em história dos meios. Gosto muito de história, e assim que finalizar minha pesquisa, pretendo preparar um livro provisoriamente intitulado “Escravos e mundo da comunicação Oralidade, leitura e escrita do século 19.”